

# **O TEJO É UM RIO CONTROVERSO: ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA CONTRA LUÍS VAZ DE CAMÕES (JORGE FERNANDES DA SILVEIRA)**

Luis Maffei

UFF

Resenha de SILVEIRA, Jorge Fernandes da. *O Tejo é um rio controverso*: António José Saraiva contra Luís Vaz de Camões. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

O autor de *Verso com verso* (Coimbra: Angelus Novus, 2003) é corajoso. Em certa altura – não sei precisar qual, peço desculpas –, Eduardo Prado Coelho chamou-o poeta. Agora, poderia eu repetir as palavras do saudoso multipensador, mas não o faço por razões diversas, entre as quais o fato de Jorge não precisar ser poeta, os poetas é que precisam de gente como ele. Em *O Tejo é um rio controverso*, encontra-se uma rara dignificação do trabalho dos poetas, e a proposta é arrojada: Camões, nome a que (quase) tudo remete no livro, é ponto de partida, e o maior poeta da língua será motivo de uma aguda defesa jorgiana, o que me faz pensar no ensaísta dentro de um ringue, disputando um combate de vida ou morte em nome da grande causa camoniana. O que faz o autor de *Portugal, maio de Poesia 61* (Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1986), no entanto, é bastante diferente: *contra* António José Saraiva, nome referencial da crítica portuguesa, Camões é capaz de lutar sozinho. Portanto, não se trata de uma luta, porém de uma lupa. Ou melhor, já que a questão relativa ao poeta de um olho só passa por endurecimento e surdez, Jorge acaba por dizer a Saraiva, como fosse um Velho do Restelo *après la lettre* e, portanto, em franca atualização, certas coisas que a audição talvez falha do coautor da *História da literatura portuguesa*, ou, como dizem vários alunos de Letras, Saraivão (do nome civil ao nome do livro e vice-versa, pois o homem, metonimicamente, merece o aumentativo), não lhe permitiu escutar.

Bravo é Jorge, que, tendo passado pelo leitor combativo, e a ser combatido, de Camões, chega, por exemplo, a quatro poetas brasileiros de poucos livros editados. As épocas estão bem concertadas, pois, ensina-me o Mestre, há um franco diálogo poético entre Brasil e Portugal (não sei se a mão de retorno é também dizível), um bocado livre de brasucas amarras românticas e/ ou modernas, já que os tempos são outros. O título, “Pra seu governo – O ‘Diálogo com Portugal’ hoje segundo quatro novos poetas brasileiros: Leonardo Gandolfi, Luis Maffei, Mauricio Matos, Sérgio Nazar David”, remete a “um samba de outros carnavais, cujo refrão” é “Pra seu governo já tenho outro em seu lugar”.

(SILVEIRA, 2008, p. 78). A leitura promove um arranjo bem dito entre jovens autores que lidam diretamente com literatura portuguesa, e lê-los terá que ver com ler uma espécie de Portugal possível nas Letras brasileiras dos dias de hoje. Lição: citando Antonio Candido, afirma Jorge que os poetas em questão, já que também militam como professores, vão “formando novos leitores e ‘manifestando em graus variáveis a vontade de fazer *literatura* brasileira’ em diálogo com a literatura portuguesa”. (SILVEIRA, 2008, p. 88). Candido é nome basilar no ensaio, e ainda bem que Jorge (fluminense, não paulista) sabe lê-lo bem. Mas um nome que muito aparece no texto é o de Camões, pois o analista sabe ver o quase cego autor em muitas linhas do que os quatro poetas andam fazendo agora.

“Pra seu governo [...]” é o terceiro ensaio de um livro composto por quatro. A meio do caminho, portanto, novas versões camonianas (e não só), pois o caminho foi começado com a citada lupa, ou levantada voz. O título da *overture*: “Sem as pe(r)nas do povo, o real e a análise – Camões entre dois pontos: o Crítico (Saraiva) e o Poético (Cesário)”. Se Saraiva leu *Os Lusíadas* vendo no “peito ilustre lusitano” apenas uma “abstracção capaz de conjuntivar carnalmente as proezas sucessivas dos guerreiros” (p. 14)<sup>1</sup>, para ele “falta em camões” “‘realismo objectista’, essa tendência do realismo social” (p. 15). Mas Jorge, lendo Camões à sua bela maneira<sup>2</sup>, esclarece: “Entre a pena e a lança, a história e a pena. É nesse *entre-lugar* que o texto de Camões nega ao leitor o papel passivo de um ‘povo’ qualquer, obrigando-o a opinar num mundo em que o *diálogo* [grifo meu] é já uma atitude política entre a experiência pessoal e a obrigação social” (p. 18). O grifo foi feito por razões óbvias: o ensaio de abertura tem interesse semelhante ao do terceiro, pois “diálogo” aparece no título do texto em que quatro poetas jovens, juntados, por pena própria e boa leitura, a imensa tradição, são ouvidos.

O responsável pela existência de *Verso com verso* não costuma fazer por menos, e menos seria não conversar com os poetas e com o Poeta. Conversa ele também com um leitor talvez historicista demais, que não percebeu um dos máximos investimentos d’*Os Lusíadas*: não apenas os passados recente e longínquo, não apenas um presente de “leitores” miseráveis, mas o futuro duma Pátria que fosse capaz de ler poesia e, portanto, fazer viagens mais duradouras que a marítima. Tampouco percebeu Saraiva o que Jorge percebe e ensina, magistralmente e sob o risco da leitura viva – que não se enxergue, assim, nessa *magistralidade* qualquer gesto que se pareça com ensinar mais do que aprender enquanto ensina –: um dos temas centrais d’*Os Lusíadas* é o amor<sup>3</sup>, pois “o

1 A referência, como todas a seguir, é à página do ensaio de Jorge.

2 Jogo com o título do prefácio que Jorge escreveu para *Dezanove recantos e outros poemas*, de Luiza Neto Jorge, antologia organizada pelo próprio Jorge em parceria com Mauricio Matos (Rio de Janeiro: 7Letras, 2008). O prefácio intitula-se “Implicâncias: Luiza, duas ou três coisas à minha maneira”.

3 Apenas saliento que, entre outras bem-vindas leituras *amorosas* d’*Os Lusíadas*, estão alguns trabalhos de Helder Macedo.

Amor coletivo (‘épico’)” acaba por ser “o terceiro termo da aliança entre dois membros frasais (‘armas e barões’)” (p. 17). Cito um dos momentos-chave do ensaio, resultante da equivalência, feita por Saraiva, de Camões ao Velho do Restelo: “Camões, mas que Camões? Camões, pobre Camões!<sup>4</sup> Uma personagem entre os seus” (p. 22). Vai além o ensaísta: “[...] é importante observar que, nas estratégias discursivas camonianas, ou no que já se pode entender como realismo de linguagem, o ‘peito ilustre lusitano’ que bate no experiente peito do Velho tem ritmo comparável ao de pelo menos três amantes ilustres no Poema” (p. 23).

Os amantes: “O peito de Inês, que, de distraído, se torna desastrado, a ponto de nele, adúltero e estrangeiro, escrever o seu próprio epitáfio, o nome do futuro rei de Portugal” (p. 23); “O peito de Adamastor, vencido duas vezes; a primeira pelo enigma de amor que lhe converte a carne em terra dura [...]; a segunda por contá-lo, caindo assim na estratégia do discurso do ‘facundo’ Vasco da Gama” (p. 23); “O peito amante que, pelo exposto, já se sabe, é o do Poeta, que no mais comovente de seus excursos exorta à Musa da poesia épica, que antes invocara, Calíope, a lhe calar a voz, para não mais ‘cantar a gente surda e endurecida’” (p. 24). Conclui Jorge:

São, em suma, três peitos amantes que têm por antagonista ou algoz a tal gente, o tal povo. Na verdade, a maioria política do reino. Inês, entre o puro e fero Amor [...]. O Adamastor, entre o Ocidente e a “desejada parte Oriental” [...]. E o Poeta, entre a escrita e a desejada parte *accidental*, quer dizer, a leitura. (p. 24).

E, poderia Jorge ter citado, os argonautas se situam, quando localizados pelo narrador do poema, “Entre a costa etiópica e a famosa/ Ilha de São Lourenço”<sup>5</sup>. Claro, o “entre”, o “*entre-lugar*”, o que dá a ver a imensa fome de movimento, inclusive rumo ao futuro, da poesia de Camões.

Digo poesia de Camões porque Jorge não cai na armadilha de ler o épico como algo estanque numa obra que é maior que um épico, e que lyriciza o épico sempre que pode – sim, Calíope, mas que se percebe: na estância 145 do canto X, está “destemperada” “a lira”, não qualquer “tuba canora e belicosa”<sup>6</sup>. Por isso são referidos, e bem referidos, o desconcerto e a errância, que residem mais flagrantemente na lírica camoniana; diz Jorge: “A este modo errático de ser sujeito no mundo e de estar sujeito ao mundo, o próprio poeta chamou desconcerto” (p. 19). A articulação prometida no título do ensaio vem na sequência do que acabo de citar: “Anos depois, Cesário Verde dirá que quem

4 A remissão, claro, é à abertura de um conhecido soneto de Bocage, “Camões, grande Camões [...]”.

5 *Os Lusíadas*. Edição organizada por Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora, 1978. Citei o verso 5 da estância 43 do canto I.

6 *Os Lusíadas*, verso 3, estância 5, canto I.

assim anda<sup>7</sup>, suportando o sentimento do vasto mundo ocidental nos ombros,<sup>8</sup> carrega ‘um desejo absurdo de sofrer’. ‘Errei todo o discurso de meus anos’” (p. 19). No épico, uma consequência funesta para o Poeta: “Camões morreu certo de que o ouro, como metáfora numa poesia de novo engenho e nova arte, como a sua, estava fadado à miséria” (p. 26). Não é só: “quem [...] matou” Inês e está a matar o Poeta é “um mal terrível que até hoje nos invade e que se chama doença do vazio da interlocução” (p. 27). Por isso, o que me impressiona em “Pra seu governo [...]” é a pulsação de algo vivo, não porque haja ali poetas vivos e prontos a serem lidos, mas porque há leitores vivos, interessados sobremaneira no *diálogo*.

Diz mais o autor: “O que” Camões “diz” e Saraiva não percebeu “é que já a todos mata a falta de recepção ao texto literário ou à obra de arte [...]. O que ele”, o Poeta, “diz, de fato, no tempo e no espaço contemporâneos de sua tragédia, é que o ‘peito ilustre lusitano’ padece de não leitura” (p. 27-28). Ainda hoje, a “não leitura” segue a acusar que Barthes esteve certo ao dizer, nos anos de 1970, que uma sociedade composta majoritariamente por não leitores sofre, acima de tudo, de frigidez, não apenas de lacunas humanisticamente dizíveis<sup>9</sup>. Camões, mesclando o amor a tudo no poema, não disse, muitos séculos antes, algo tão distinto. O segundo ensaio de *O Tejo é um rio controverso*, “Da recepção da literatura entre Portugal e Espanha no século XX: António José Saraiva leitor d’*Os Lusíadas* e do *Quixote*”, retorna a Adamastor para lidar com uma questão central:

[...] vou me deter na figura do gigante Adamastor e vou procurar interpretá-la com argumentos do próprio Saraiva, sobretudo aqueles que se referem: à oposição entre texto de conteúdo subjetivo e texto de conteúdo objetivo; à duplicidade entre Quixote e Sancho; à mediação entre as “camadas intermediárias”; aos “mundos dos discursos de D. Quixote”, o da teoria e o da experiência. (p. 45-46).

Jorge volta a lembrar-me um *boxer*, ainda que sem ringue nem roupão, mas mestre na arte do contragolpe: é com as palavras e ideias de Saraiva que o grande texto camoniano é defendido, o que prova por a + b que nunca houve necessidade de defesa para Poeta tão indócil a reduções historicistas ou demasiado parciais.

O autor que conversa com os versos diz algo que me parece fundamental ficar exposto nesta resenha: “De acordo com a lógica da persuasão inteligente apontada no ‘mundo dos discursos do Quixote’, o encontro do Gama com o Adamastor significa uma verdadeira oração de amor à palavra em ação ou o elogio do amor à vitória da

7 A remissão, claro, é ao encerramento de um conhecido soneto de Camões: “Se me pergunta alguém por que assim ando/ Respondo que não sei, porém suspeito/ Que só porque vos vi, minha Senhora”.

8 É o próprio autor quem diz, em nota: “Há nessas considerações alusão aos versos de Drummond: ‘Mundo mundo vasto mundo’ (‘Poemas de sete faces’) e ‘Teus ombros suportam o mundo’ (‘Os ombros suportam o mundo’)”.

9 BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

estratégia teórica do discurso do mais forte” (p. 49-50). Ou seja, a dimensão heroica do Gama de Camões não poderia ser a mesma que Homero desenhou para Ulisses, ou a figurada para Eneias por Virgílio. O humanismo, é claro, bem afinado ao dos “humanistas neoplatônicos” (p. 50), mas um humanismo que, ao humanizar o herói, localiza-o, e Jorge bem o sugere nesse livro, personagem que Gama é, como um dos poucos naquela Pátria a saber ouvir palavras como as do Velho. É fino: se o aspecto nodal “do *Quixote* segundo Saraiva pode ser analisado de acordo com a noção lukacsiana de ‘herói problemático’ [...], tão cara à estética do realismo socialista” (p. 42-43), Saraiva não divisa que, para além do âmbito previsto por Lukács, o herói camoniano é mais problemático ainda, pois não se basta num heroísmo cavaleiresco, nem celebra um novo mundo de viagens e progresso mercantil. Por isso, Gama é mais um dos *entre-lugares* do poema; por isso, o “episódio do Adamastor causa um abalo de estruturas nas teses do brilhante camonista” (p. 50).

O livro se encerra com o ensaio “Entre as raízes e o labirinto – Camões no Caminho de Santiago”, e o último nome próprio citado não se refere à cidade galega, mas a Silviano Santiago, notável ensaísta, professor e ficcionista brasileiro que, durante diversos anos, lecionou na Universidade Federal Fluminense. A amarração é difícil e primorosa: Jorge passa por Sérgio Buarque de Hollanda, Octavio Paz, António Sérgio e, claro, Silviano, e mesmo Saraiva reaparece, numa espécie de homenagem final após *rounds* tão elegantes<sup>10</sup>: “por um lado, nenhum outro como ele, António José Saraiva, ajuda a entender a contradição histórica portuguesa contida na versão de Camões, mas, por outro lado, a sua visão radicalmente histórica dessa mesma contradição não ajuda a compreender a natureza da poesia, manifesta no Poema camoniano” (p. 114). Não me posso, em virtude de limitações espaciais, deter-me como gostaria no último ensaio do livro, mas assinalo que Jorge, um Mestre, passeia-se muito à vontade entre outros Mestres (ainda que, noutra declaração de amor a *Os Lusíadas*, essa deveras sutil, sempre use “[sic]” ao citar o modo como Silviano Santiago se refere ao Poema, com *l* minúsculo) e enseja um grande encontro, literalmente magistral. A parte final do ensaio convoca alguns poetas, contemporâneos à atualidade e camonianos dialogantes, para a conversa, e o mais poético ensaísta vivo que conheço segue entre os seus.

Deixo para o fim o fim, ou o que para mim foi o princípio de leitura desse livro: a quarta capa. Ali, diversos versos a controversamente comprovar que *O Tejo é um rio controverso*. Seus autores são Camões, Alberto Caeiro, Cesário Verde, Armando Silva Carvalho, Fiama Hasse Pais Brandão (sobre quem, assinalo, Jorge tem um magnífico livro, intitulado *Lápide e versão – ensaios sobre Fiama Hasse Pais Brandão* seguidos de Memorial da Pedra, Antologia poética, editado pela Bruxedo em 2006), Gastão Cruz (“pra seu governo”, Jorge acaba de editar a primeira antologia brasileira da poesia gostoniana:

<sup>10</sup> Para quem pense que a esgrima seria melhor metáfora, lembro que o boxe tem por epíteto “a nobre arte”.

*A moeda do tempo e outros poemas*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009) e Luiza Neto Jorge. Ao final, uma jorgiana conclusão: “*O Tejo, ao fim e ao cabo, é um rio controverso*” (quarta capa). Uma metáfora? Talvez, pois Jorge é, de fato, tem razão Eduardo Prado Coelho, um poeta. Recebo a metáfora pensando em família, e nenhuma das chamadas melhores famílias é pacífica. Assim, “ao fim e ao cabo”, o subtítulo do livro, *António José Saraiva contra Luís Vaz de Camões*, poderia ter encetado um título, caso título aqui coubesse, a esta recensão: *Jorge Fernandes da Silveira contra António José Saraiva*. Porém, não seria um título apenas previsível, seria uma tolice: em torno de Camões, Jorge e Saraiva podem levar ao limite o cumprimento característico dos *boxers* antes do combate e, abandonando o ringue rumo a um café qualquer à beira do rio, conversar horas a fio sobre o Poeta e sobre poesia. *Verso com verso*, leitor com leitor, poeta com poeta, Poeta com poetas, compõe-se uma tensa e profícua família nesse livro. Honra-me grandemente fazer parte dela.

#### **MINICURRÍCULO:**

Luis Maffei é professor de Literatura Portuguesa na UFF e poeta. Entre seus últimos trabalhos publicados destacam-se a recolha de poemas *Pulsatilla* (Oficina Raquel, 2011), o volume de ensaios *Poetas que interessam mais: leituras da poesia portuguesa pós-Pessoa* (Azougue, 2011), organizado em parceria com Ida Alves, e *Contos da colina: 11 ídolos do Vasco e sua imensa torcida bem feliz* (Oficina Raquel, 2012), escrito em parceria com Nei Lopes e Mauricio Murad.